

RESUMO DAS PALESTRAS
I ENCONTRO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA DE ASSIS (EILA)

Comunicação, Cultura e Educação

VI CICLO DE PALESTRAS: O SIGNO POÉTICO (SIPO)

20/10/2008 - MANHÃ

MESA REDONDA: Faces e interfaces da Comunicação Midiática

Mediador: Dr. Roberto Reis de Oliveira (Unimar e UFMT)

01 - Fluxo Internacional da Telenovela Brasileira na América Latina

D^a. Anamaria FADUL (Universidade Metodista de São Paulo)

O fluxo internacional da comunicação midiática vem sendo estudado de forma mais sistemática a partir do início da década de 1970. Os resultados das pesquisas apontavam para um grande desequilíbrio nesse fluxo, cujo sentido era orientado dos países desenvolvidos para aqueles subdesenvolvidos. Entretanto, com a crescente produção latino-americana de telenovela observou-se uma importante mudança no sentido desse fluxo: os países subdesenvolvidos, sem deixarem de consumir as antigas produções importadas, passavam a exportar a sua produção ficcional para os países desenvolvidos. Na década de 1990, uma pesquisa apresenta os dados sobre o fluxo da telenovela latino-americana na Europa. O objetivo desse texto é estudar um dos sentidos desse fluxo internacional: aquele da exportação das telenovelas brasileiras para os países latino-americanos. A concorrência com as produções de outros países do continente apresenta aspectos muito diversificados. Em alguns países, o maior sucesso é o da telenovela brasileira, enquanto em outros ela está em segundo plano. Entender as causas desses fenômenos pode ser uma importante contribuição para entender as faces e interfaces da telenovela brasileira na América Latina.

02 - A criança e a mídia: a aquisição da linguagem na sociedade da comunicação

Dr^a. Alessandra Del Ré (Unesp/Araraquara)

Desde o final dos anos 80, é possível identificar um crescente interesse pelo estudo científico da relação entre as crianças e a mídia, de um ponto de vista da Educação, da Psicologia, mas no que se refere à perspectiva da Aquisição da Linguagem pouco ainda se sabe. Constantemente, fala-se na influência da mídia na vida da criança, em como ela se afastou dos livros por causa do tempo que perde na frente da televisão. Mas será essa a única razão para explicar o desinteresse que se constata pela leitura? O que existe de tão atraente na televisão, em suas mensagens, nas personagens dos programas infantis? E se a mídia tem uma influência diferente na vida da criança não seria porque os modelos de criança e de infância também mudaram? Assim, partindo de uma perspectiva sócio-interacionista que considera as trocas com o outro (Bruner, 1998; Snow, 1986; Stern, 1985, Vygostky, 1985), o sujeito social e cognitivo que se constitui histórica e culturalmente, a relação entre os interlocutores, a situação de comunicação, a articulação do discurso (Bakhtin, 1988) e o papel da socialização familiar (Ochs e Schiffeln, 1984), procuraremos, ao abordar essas questões, discutir, neste trabalho, de que forma os usos de alguns meios de comunicação, como a televisão e seus desenhos animados, na vida cotidiana das crianças pequenas, ou ainda, os processos de atribuição de significado ao que é objeto de consumo e o impacto destes significados na organização e estruturação da vida cotidiana, se refletem no processo de aquisição da linguagem.

03 - YouTube: um caleidoscópio de alternativas à comunicação audiovisual ao alcance do mouse

Dr. Áureo Busetto (Unesp/Assis)

Ao contrário do que muitos pensavam, ou ainda pensam, o YouTube não é apenas um dispositivo comunicacional para adolescentes fanáticos por Internet. Ao contrário, ele abre possibilidades para que a sociedade contemporânea avance em direção a democratização da divulgação de audiovisuais, bem como pode se tornar um instrumento bastante fértil para

corroborar com processos ocupados em democratizar, de maneira ampla, o universo da comunicação social. O YouTube coloca em xeque as faces do monopólios das empresas comunicacionais voltadas para a produção e, sobretudo, para a divulgação de audiovisuais, abrindo oportunidades para interfaces entre o âmbito da comunicação social e demais domínios sociais específicos, como: o acesso mais rápido e desburocratizado a materiais audiovisuais veiculados pela mídia; a promoção de expedientes que flexionam ou tensionam a forma consagrada e pouco democrática da produção televisiva e cinematográfica; o favorecimento de relações mais diretas entre produtores de audiovisuais e os seus consumidores, trazendo elementos que subsidem a recepção; e, ademais, o oferecimento de condições para dinamizar metodologias para o ensino escolar sobre a mídia. Todavia, é necessário experimentar e acompanhar socialmente o YouTube e experiências semelhantes para que, novamente, não se deixe escapar os meios possíveis à democratização da mídia, como foi com o caso da TV. E a vultosa venda recente do próprio YouTube deve nos servir de alerta.

20/10/2008 - NOITE

MESA REDONDA: Em meio aos signos da Literatura Portuguesa

Mediadora: Dr^a. Jeane Mari Sant'Ana Spera (Unesp/Assis)

04 - Sob o signo da unidade: a poética de Sophia de Mello Breyner Andresen

Dr^a. Ana Luísa VILELA (Universidade de Évora - Pt)

Como todos os grandes poetas, Sophia – uma das maiores figuras da literatura portuguesa contemporânea – foi, essencialmente a inventora de uma linguagem: uma linguagem que, inevitavelmente, exprime um imaginário e traduz uma visão do mundo, com as suas implicações estéticas, éticas e ideológicas.

Trata-se de uma linguagem tanto mais eficaz quanto mais elementar, simplificadora, integradora, não críptica nem intelectualizante, antes elementar e inteligível, de clave mítica. O desígnio central dessa linguagem é, por várias vias, a recuperação da unidade.

Tal desígnio, defendemos, utiliza, por um lado, as estruturas agregadoras de um regime imaginário perfeitamente identificável: o regime sintético, com a sua tendência para a condensação e mediação entre polaridades, com a sua ontologia da iniciação, do devir e do regresso, as suas imagens e a sua sintaxe unificadoras, com a sua busca de regeneração do tempo e de refundação do mundo, com as suas representações cerimoniais da purificação, da transmutação e da redenção. Por outro lado, a linguagem poética de Sophia, rente ao real, busca a secreta sintonização com o universo; vertente órfica antes do mais, a sua fenomenologia da imanência perscruta com obstinada lucidez o canto obscuro das coisas e do seu particular horizonte físico de existência – mágica linguagem que só a segregação da palavra poética pode ainda captar.

Assim, se, por um lado, a sua linguagem poética proclama a *morte da morte*, a sintonização da voz das coisas é, por outro lado, a suma redenção da linguagem. Ambas as vertentes podem afinal encontrar nas linhas espiraladas do búzio grego de Cós o signo helicoidal da ordem em meio à mudança, garantindo a recriação do existente, o arquivo fundamente ontológico da unidade primordial.

05 – *Inês de Camões* na poesia brasileira: um *rito* brasileiro para um *mito* português

Dr^a. Lúcia Correia Marques de Miranda MOREIRA (Unimar)

A palestra propõe uma reflexão acerca da presença da imagem literária de Inês de Castro verificada na tradição poética brasileira. As constatações desta presença baseiam-se num panorama que se vai tecendo ao abordar os aspectos constitutivos do episódio histórico, lendário e literário que envolveu aquela personagem da história medieval portuguesa. Considerando o episódio lírico de Inês de Castro, n' *Os Lusíadas*, como texto matriz, a análise do diálogo intertextual entre ele e alguns poemas selecionados da literatura brasileira procura demonstrar, não só pela teoria literária, como pelos estudos da mitocrítica, de que maneira a intertextualidade se configura em uma celebração ritualística dos referidos poemas para com o mito literário instituído no texto camoniano. A abordagem mitocrítica privilegia autores como Gilbert Durand, Mircea Eliade, Joseph Campbell entre outros.

06 - Alma pelo mundo repartida: José Saramago

Dr^a. Sandra Aparecida Ferreira (Unesp/Assis)

Em um tempo incerto, em um país sem nome, as eleições acumulam votos em branco e colocam em cheque o processo democrático de representação política. É o que sucede em **Ensaio sobre a lucidez** (2004), romance em que José Saramago apresenta um mundo de pernas para o ar a partir da recusa às encenações que consagradas vias de atuação política têm produzido. Por essa via, compõe um quadro narrativo em que complementa a reflexão sobre a genealogia violenta da racionalidade iluminista inaugurada em **Ensaio sobre a cegueira** (1995).

O **Ensaio sobre a lucidez** descortina uma reflexão alinhada com aquela feita por Adorno e Horkheimer na **Dialética do esclarecimento**, ao revelar a recusa do pensamento mítico-mágico feita pela razão ocidental como tentativa reiterada de livrar o homem do medo. Saramago e suas alegorias têm insistido no quanto o esclarecimento pode não cumprir a tarefa a que foi chamado e, ainda, aprisionar ainda mais o ser humano. Não é por acaso, sendo assim, que o medo individual da regressão ao amorfo produzirá uma regressão coletiva totalitária, tanto em **Ensaio sobre a cegueira** quanto em **Ensaio sobre a lucidez**

O propósito do trabalho a ser apresentado é, portanto, efetuar uma análise do romance **Ensaio sobre a Lucidez**, considerando-o como contigüidade, mas também como contraponto, de **Ensaio sobre a Cegueira**. Para tanto, pretende-se lançar luz sobre os elementos textuais que configuram os romances em análise como lugares estéticos de crítica à possibilidade de totalização do pensamento e como fontes vigorosas de reflexão sobre a racionalidade e a irracionalidade da nossa pós-modernidade.

21/10/2008 - MANHÃ

MESA REDONDA: Mídia e Educação

Mediadora: Dr^a. Mirtes Rocha Rodrigues (Unesp/Assis)

07 - Educação crítica para a mídia - Práticas pedagógicas para a participação política na sociedade mediada pela comunicação

Michelle Prazeres (Jornalista, coordenadora de comunicação da ONG Ação Educativa e integrante do Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social)

A expositora pretende analisar práticas pedagógicas de educação crítica para a mídia e o uso dos meios de comunicação e tecnologias em espaços de educação formal e informal (escolas, comunidades e movimentos populares). A intenção é avaliar o quanto estas práticas contribuem para o desenvolvimento de uma cultura de participação política e de exercício da crítica dos indivíduos envolvidos no processo pedagógico-comunicativo.

A exposição é fundamentada na educação e na comunicação como direitos humanos; na centralidade da comunicação na sociedade atual; na mídia como arena de disputa política e construção de valores; e na crítica como categoria de reflexão. Por consequência, na educação crítica para a mídia e na produção de comunicação como práticas de formação para o debate político e a participação política além dos espaços da democracia representativa.

Serão usados, a título de caracterização empírica do objeto analisado, exemplos de práticas críticas pedagógico-comunicativas, desenvolvidas em comunidades, movimentos da sociedade (em especial aqueles compostos por grupos de jovens) e escolas.

08 – Mídia e Educação: as propostas e o papel da linguagem verbal

Dr. Juvenal Zanchetta Júnior (Unesp/Assis)

Esta comunicação procura descrever as características gerais de algumas das principais tendências relacionadas ao tema Mídia e Educação no Brasil. O panorama a ser esboçado tende a mostrar o lugar secundário ocupado pela escola nessas propostas. Num segundo momento, o propósito é destacar a importância de se tomar o contexto escolar como

referência central para os estudos midiáticos, tendo a linguagem verbal como fator de articulação política e metalingüística desse trabalho. Como resultado esperado, está a revalorização da palavra num contexto em que a multiplicidade de códigos tende a ofuscá-la.

09 - Os novos gêneros midiáticos na escola: ideal e realidade

Dr. Rony Farto Pereira (Unesp/Assis)

O progresso vertiginoso, em todas as áreas, tem modificado substancialmente a vida do ser humano, especialmente nas últimas décadas. A pesquisa e a tecnologia provocaram a quebra de paradigmas e renovaram os conceitos, introduzindo alterações significativas, que atingem a vida cotidiana de uma forma radical.

Se os relacionamentos sociais e o comportamento, de maneira geral, têm incorporado diferentes inovações e avanços, reorganizando-se completamente a feição e os princípios da sociedade atual, certas instituições igualmente se renovaram ou são cotidianamente questionadas. A família, a religião, os governos – tudo tem sido objeto de questionamentos e de propostas de mudança, substituindo-se conceitos e preconceitos, encerrando-se regimes e redesenhando-se o papel de seus membros, na existência em comunidade.

A escola, por seu turno, sofre o embate violento das transformações sociais e luta por acompanhar a evolução rápida visível nas culturas. Problemas de avaliação, de disciplina, de hierarquia, de concepções político-pedagógicas e de prioridades passaram a constituir partes da pauta obrigatória de discussões, em âmbito escolar.

Em seu interior, a linguagem revela-se um foco especial para tais alterações. Na verdade, com a revolução na linguagem, provocada pelas mudanças originadas da introdução dos meios eletrônicos, surgiram novos gêneros discursivos, como o *e-mail*, o *blog* e o *chat*, os quais têm suscitado discussões em todos os níveis. Aceitar e incorporar esses gêneros da contemporaneidade não tem sido tarefa fácil, para professores e alunos, que às vezes custam a compreender os efeitos causados pela sua introdução, no dia-a-dia das pessoas.

A partir de uma preocupação com o problema da assimilação desses novos instrumentos, esta comunicação pretende refletir sobre as características desses gêneros novos e sobre o

impacto que vêm causando, na sala de aula, de modo a contrapor o ideal de interação integrado nesses meios e a realidade da escola atual.

Com tal reflexão, será possível partilhar com pesquisadores, educadores e alunos, envolvidos no evento, inquietações sobre possibilidades de enfrentar o desafio de entender a realidade lingüística e aproveitar as vantagens oferecidas pela tecnologia e pelos novos gêneros.

21/10/2008 - NOITE

MESA REDONDA: Literatura e Sistemas intersemióticos

Mediador: Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes (Unesp/Assis)

10 - Orson Welles: Cinema como Crítica do Ilusionismo

Dr. Antônio Manoel dos Santos Silva (Unesp /São José do Rio Preto e Unimar)

A palestra tem como objeto o último filme dirigido por Orson Welles: *F for Fake (Verdades e Mentiras)*. Realizado em 1973 (exibição em 1975) o filme teve como roteiristas o próprio Orson Welles e a atriz Oja Kodar; foi produzido por François Reichenbach, Dominique Antoine e Richard Drewitt; com música composta por Michel Legrand; montagem de Marie-Sophie Dubus e Dominique Engerer. Inspirado num documentário de Reichenbach (algumas de cujas partes Welles incorpora) sobre um falsificador de quadros (Elmyr de Hory), cuja biografia (falsa?) está sendo escrito por um autor de biografia falsa (Clifford Irving), o filme está estrelado por Orson Welles, Oja Kodar, Joseph Cotten (que desempenhara papel importante no primeiro filme de Welles, o *Cidadão Kane*), François Reichenbach, Elmyr de Hory, Clifford Irving, Gary Graver (também co-responsável pela excelente fotografia de *F for Fake*).

Trato na palestra das ambigüidades do filme que desnorteiam o espectador e tem desnortado os críticos. Estas ambigüidades podem ser percebidas imediatamente pela sobreposição de personagens e elenco, o que sugere não estarmos diante de uma obra de ficção e sim de um documentário. Entretanto, o modo de construção e a ficcionalidade de algumas seqüências (por exemplo, a sedução de Picasso por Oja Kodar, a série de quadros que esta inspira àquele, a explosão irada do grande pintor) contestam a natureza do documentário. Por outro lado as ambigüidades são fomentadas pelo narrador, a personagem Orson Welles interpretada e dirigida por Orson Welles, que, logo na apresentação, se mostra como mago que deixa as crianças enlevadas com suas artes de prestidigitador, e que limita o tempo da verdade para transgredir os próprios limites.

Tento mostrar que essas ambigüidades não só justificam esteticamente as relações instauradas, no filme, entre cinema, pintura, música, arquitetura e poesia, mas ajudam a compreender o tratamento dos focos temáticos, a saber: a essência da arte, a beleza natural e sua transfiguração, a degradação dos valores, a falência da originalidade e da autoria, a obra de arte como metalinguagem. Detenho-me na metalinguagem para analisar a

retomada que Orson Welles faz de suas obras iniciais (experimentalismo no teatro, o programa radiofônico sobre a *Guerra dos Mundos*, o filme *Cidadão Kane*) desmontando-as de sua possível grandeza autoral. Para finalizar discuto o papel que joga, na economia do filme, a palavra poética, tanto a que, tomada de Rudyard Kipling, funciona como motivo condutor da crítica e da indagação sobre a natureza e o valor da arte, quanto a que celebra o seu poder acima de qualquer assinatura.

11 – Signo (s) em cena

Dr. Aguinaldo José Gonçalves (Unesp/São José do Rio Preto)

Os atos que se seguem representam micro cenas da linguagem. Cenas do vazio. Cenas do fundo de um poço sem água. Elas se apresentarão como formas de demonstração das várias facetas do signo posto em condição dinâmica no processo semiótico. O intervalo de um para outro ato representará apenas preâmbulo para mudança de dicção, de entonação ou de cor, muitas vezes marcada por signos indiciais que acabam sendo decisivos para se definir a mudança de figurino, de categoria cênica ou de ambientação das personagens.

É mister que se compreenda o presente laboratório como plasmação do gesto sobre o objeto que se oferece ao tratamento e que tal objeto se constitui de material semiótico distinto, a linguagem que se dispõe a tocar nessas esferas que em si já são formas de representação, tentará sobreviver por meio da consciência de seu próprio corpo, e por esse caminho delinear gestos em atos como se fossem cenas teatrais em que os atores usassem máscaras dissimulando seu próprio simulacro. Tais atos representariam a profunda essência do *non-sense*, o risco invisível do sentido, ou os rabiscos que realizamos no papel de rascunho, no guardanapo ou no documento importante por descuido. São atos que resguardam a eterna presença, mesmo que não tangenciável com a mão ou com o olho físico. São gestos ancestrais do vôo noturno de um pássaro silencioso e espesso como aqueles pétreos signos-voadores de René Magritte. Eles serão conduzidos por um núcleo centralizador das vontades que emanam de regiões puras da razão e se oferecerão ao espetáculo. Consistirão em façanhas do absoluto que arranharão a esfera do sentido ou as paredes do sentido que tendem ao inviolável.

Desconstruir o silêncio é demover os poros da palavra; colocá-la no palco e fazê-la ruir até soltar a casca. É aplaudir os gestos dos ruídos sem que o contato entre as palmas das mãos

ecoem o abafado som do aplauso. Em sua forma original ou suspender as pendências – encarnar a forma. Em cena, o crespo do palco fará com que os signos não res sintam a perda.

O perjúrio do mundo reside na insignificância da linguagem. Quanto mais se perde a consciência das faces do signo, das suas relações indissolúveis, mais se vislumbra a inconsistência das coisas e dos seres. Para que se possa se dispor ao jogo a linguagem não pode estar aquém de si mesma, nem além do que quer representar. Ela não pode ser resíduos da representação. Se o for, não estará representando nada, ou pior, estará representando o arremedo do nada.

12 - .*Quanto ao futuro*. ou Tempo de morangos: Clarice Lispector e sua hora de estrela - Uma contribuição para os Estudos Interartes
Dr. Gilberto Figueiredo Martins (Unesp/Assis)

A fortuna crítica de Clarice Lispector (1920-1977) vem ganhando desdobramentos singulares: há duas biografias *oficiais*, além de pelo menos mais três outros trabalhos que se propõem a lhe traçar o perfil a partir da aproximação entre vida e obra. Em 2008, vem a público uma fotobiografia com cerca de 800 imagens. Além disso, existem dois premiados filmes de longa-metragem, diversos curtas, muitas adaptações para o palco, um CD de Maria Bethânia, quatro ou cinco *audio-books*. Poucos autores brasileiros mereceram tamanha atenção de pesquisadores e artistas. A comunicação avalia criticamente algumas dessas produções, partindo de conceitos e procedimentos dos estudos interartes, verificando como elas realizam a *tradução* de temas e recursos expressivos recorrentes no universo ficcional da escritora.

22/10/2008 - MANHÃ

MESA REDONDA: Da Literatura ao Cinema

Mediador: Dr. Odilon Helou Fleury Curado (Unesp/Assis)

13 - Marginalidades, periferias: letras e imagens do Brasil contemporâneo.

Dr. Jorge Luiz do Nascimento (UFES)

O trabalho pretende discutir a relação entre textos literários e jornalísticos e as “versões” audiovisuais destes textos. Delimitaremos nosso trabalho nos livros *Cidade de Deus*, *Elite da tropa* e *Diário de um detento*; e nos filmes *Cidade de Deus*, *Tropa de elite*, além do videoclipe do grupo Racionais MC's (*Diário de um detento*). Dessa forma, buscar-se-á evidenciar o caráter híbrido dessas produções culturais da contemporaneidade brasileira.

14 - Cinema e literatura: intersecções

Dr. Carlos Eduardo Jordão Machado (Unesp/Assis)

Há muitos estudos sobre a relação entre cinema e literatura. Trata-se de duas formas expressivas distintas, uma que tem o texto como suporte e a outra a imagem. Segundo Walter Benjamin, há uma má ou uma boa filmagem do Fausto de Goethe, não se trata de comparar o filme com o texto literário sem cair no reducionismo, pois o filme não pode ser interpretado apenas como mera ilustração da obra literária, mas de analisar internamente se a adaptação foi esteticamente bem realizada em termos visuais ou não. Afinal as obras de arte sendo uma mônada, não se deixam comparar. No Brasil há autores que foram felizes nas adaptações, como Graciliano Ramos - com os filmes, *Vidas Secas* e *São Bernardo*, por exemplo - e outros que não tiveram a mesma sorte como o grande Machado de Assis.

15 - Literatura e cinema: leituras cruzadas

Dr. Antonio Roberto Esteves (Unesp/Assis)

Desde seu surgimento, ao apagar das luzes do século XIX, o cinema tem mantido uma relação cordial com a literatura. Embora constituídos de diferente matéria, ambos

encontram na narrativa uma profícua zona de convergência. Assim, ao longo dos anos, a sétima arte vem se nutrindo de leituras de obras literárias com resultados muitas vezes bastante interessantes. A presente comunicação pretende discutir a leitura realizada pelo cineasta norte-americano Orson Welles (1915-1985) da obra *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes (1547-1616). As filmagens do clássico cervantino foram iniciadas por Welles no final da década de 50, arrastando-se por cerca de duas décadas, sem que ele tivesse condições de concluí-las. Após sua morte, o diretor espanhol Jesús Franco, que tinha sido auxiliar de Welles, terminou a montagem do filme, apresentado ao público em 1992. Chama atenção a forma utilizada para reler as aventuras do célebre cavaleiro andante espanhol, muito próxima ao espírito do próprio romance, famoso pelo diálogo com outros livros e não diretamente com a realidade em si. Desse modo, da mesma forma que o romance de Cervantes é altamente metaficcional, o filme de Welles também se propõe a dialogar com os meios de comunicação, mesclando as viagens de Dom Quixote e Sancho Pança pelo interior da Espanha com sua própria aventura pelo país do ditador Franco, câmara à mão, filmando as aventuras de Dom Quixote.

22/10/2008 - NOITE

MESA REDONDA: Comunicação: da teoria à prática

Mediadora: Dr^a. Sandra Aparecida Ferreira (Unesp/Assis)

16 – Comunicação: da Teoria à Prática

Sr^a. Filomena Cabral (Escritora e jornalista da Cidade do Porto – Pt)

Tactear formas, decalcar conceitos, entre a teoria e a prática, no fazer. Na actividade da escrita, como noutra qualquer actividade, o praticante vai notando a contaminação nos dois sentidos: o empolgamento gera inquietação e esta agudiza capacidades. No fundo, ainda e sempre a antropofagia de enunciados teóricos.

17 - Como se apresentar em eventos académicos

Dr^a. Maria Helena da Nóbrega (USP/Ribeirão Preto)

A comunicação tem como público-alvo estudantes que, no final dos estudos, precisam apresentar o trabalho de conclusão de curso, a dissertação ou a tese. As sugestões são proveitosas também para profissionais que, nas mais diversas situações, precisam falar em público para expor temas de sua área e para convencer as pessoas sobre as propostas apresentadas. O objetivo é aprimorar as técnicas de comunicação verbal e da linguagem corporal, para que os participantes realizem com confiança apresentações para grupos pequenos ou grandes, com a utilização adequada dos recursos audiovisuais.

Serão desenvolvidas as seguintes habilidades: como estruturar o conteúdo: abertura; desenvolvimento; conclusão;

a linguagem verbal: pronúncia e correção lingüística; vocabulário; vícios de linguagem e modismos; como lidar com perguntas;

a linguagem não-verbal: voz; contato visual; mãos; gestos; postura e movimentação;

recursos audiovisuais: tipos de letra, cores, diagramação etc.

18 – *Comunicação midiática: evolução ou involução da divulgação do conhecimento?*

Dr. Ricardo Alexino (FAAC - Unesp/Bauru)

A comunicação midiática, envolvendo as diferentes formas de comunicação mediada pelos veículos como mídia impressa (jornais e revistas), mídia eletrônica (rádio e televisão) e mídia digital (internet) encontra-se na contemporaneidade na encruzilhada da promoção do conhecimento e da reificação da informação. A proposta desta palestra é analisar como a comunicação midiática articula os aspectos socioculturais, políticos, educativos e econômicos na divulgação do conhecimento e os seus interesses mercadológicos e ideológicos. Pretende-se analisar os gêneros e formatos (linguagem); produção de sentidos e a gestão da comunicação midiática.

23/10/2008 - MANHÃ

MESA REDONDA: O Signo Poético e a arte literária

Mediador: Dr. Rony Farto Pereira (Unesp/Assis)

19 – O conceito de Literatura e o conceito de Literatura Marginal

Dr. Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto – Pt)

As teorias modernas da literatura oriundas de diversos domínios reflexivos (da semiótica, da “escola da recepção”, dos “estudos culturais”, da teoria da comunicação, da filosofia ou da sociologia pós-moderna...) chamaram a atenção para a complexidade e ambiguidade do conceito de literatura, mas não produziram nenhuma definição indiscutível do que ela é, e, buscando a sua especificidade, já inconformadas com a noção de “literariedade” legada pelos formalistas russos, assinalaram quase sempre a sua “impureza” e relativismo. Na verdade, a questão ou questões da literatura – o que é, para que serve, que pode, etc. – não devem desligar-se da questão ou questões da não-literatura, ou do que nas últimas décadas se designa à base de prefixos e de novos qualificativos de “literatura” (por exemplo, paraliteratura, contraliteratura..., literatura trivial, literatura menor...). Mas os avanços teóricos não têm impedido as censuras e os preconceitos, já raramente ideológicos e quase sempre estéticos e sociológicos, que afastam do campo literário ou desvalorizam e desprezam como literários textos orais da tradição (quadras, provérbios, adivinhas, orações, etc.), textos escritos como os da “literatura de cordel” e textos de espécie nova, sobretudo verbo-visuais ou relacionáveis com os *media* e com a internet. Apontando um vasto continente literário que como regra não é contemplado pela instituição literária, a designação e a teoria da “literatura marginal” (ou da “literatura marginalizada”) visa não só desfazer equívocos e lutar contra limitações dos comuns cânones literários mas também contribuir para o esclarecimento do complexo fenómeno literário tendo em conta não só a textualidade mas também as circunstâncias da sua produção, da sua leitura ou do seu consumo.

20 – A PARÓDIA – UM NOVO CONCEITO DE ARTE

Dr^a. Martha Augusta Corrêa e Castro Gonçalves (UEL)

Originalidade e criatividade são características específicas, sempre cobradas e esperadas, quanto se trata do fazer artístico, seja na arte com palavras, com imagens, com formas, cores ou sons. Nesse universo, entretanto, inúmeras possibilidades de manifestação delineam-se em torno de um fato lingüístico, abordado por vários teóricos e filósofos da linguagem, e que se faz presente hoje, com uma certa constância. Trata-se do conceito de intertextualidade ou transtextualidade, um modo de apropriação de formas de arte, implicando sempre recriação e transformação, além de uma intenção subversiva, imbuídas de crítica e de ironia, mas sempre levando à reflexão e a uma reavaliação de valores. Nesse contexto, surgem questões: Tais apropriações seriam formas de arte? Criar e ser original não é mais possível? As respostas remetem a monumentos da literatura universal, como a obra máxima de Cervantes, *D. Quixote de la Mancha*, ou *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, em relação à literatura; ou a outras formas de arte mais atuais, como o cinema, por exemplo, em filmes como *Tem um louco no espaço* ou *Monty Python*, que, numa proposta metalingüística, satirizam filmes como *Guerra nas Estrelas* e *Os Cavaleiros da Távola Redonda*. Tais retomadas recriam os textos originais, possibilitando dois planos de leitura para um único texto. É um metadiscorso que, a partir de um jogo invertido de espelhos, se realiza também como uma forma de arte: a paródia. As bases teóricas para esta discussão têm como referência a obra de Hutcheon(1989),e conceitos bakhtinianos como o dialogismo e a polifonia que imbricados no conceito geral de intertextualidade, fundem-se na compreensão da paródia como um gênero literário que, a partir dos deslocamentos e desvios produzidos, critica, explícita ou veladamente, como um arauto da voz recalçada que contesta ideologias e revela verdades ocultas.

21 - Parábolas: da literatura ao teatro

Dr. Marco Antônio Domingues SANT'ANNA (Unesp/Assis)

Este trabalho encontra-se intimamente vinculado a outros já desenvolvidos sobre a temática da parábola, tanto antiga quanto moderna, em nível de doutorado, pós-doutorado e, mais recentemente, àqueles produzidos pelo Grupo de Pesquisa “Abordagens literárias da Bíblia e de suas ressonâncias em textos contemporâneos”. A proposta central dessas produções científicas é o estudo crítico-literário da Bíblia, mais especificamente das parábolas, em

conexão com as manifestações do gênero na literatura moderna e contemporânea, que se tem servido intensivamente dessa fonte antiga. Dentre os autores que dela se utilizaram, destacam-se os nomes de Sören Kierkegaard, Franz Kafka e Bertolt Brecht. Como exemplo concreto desse fato, e como exemplar do uso da estratégia midiática teatral, podemos citar as obras *O círculo do giz caucasiano* e *A boa alma de Setzuan*, ambas de Bertolt Brecht, sendo que esta última apresenta modificações relevantes no modo de construção das personagens, dentre outras categorias. Nessa narrativa parabólica, desaparecem as figuras de caráter plenamente acabado e polarizado, entrando em cena seres fragmentários e paradoxais – protótipos da tensão dialética entre o Bem o Mal. Como personagem moderna, a/o protagonista Shen Te/Shui Ta apresenta, em sua personalidade, uma combinação de elementos incombináveis que faz dela um ser em constante conflito consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Assim, a desigualdade de sua natureza e a ambigüidade de sua essência, reveladas pelo impossível enquadramento no modelo idealizante que lhe é imposto pelos deuses ou por seu primo Shui Ta – que, na verdade, é outra face de seu ser – levam Shen Te a um desespero impossível de ser atenuado, conforme sugere o desfecho da peça. A esse modo de caracterização das personagens, soma-se também o desfecho aberto e a nítida intenção de provocar o prazer estético – marcas distintivas da modernidade de *A boa alma de Setzuan* e da nova forma de apresentação do gênero parabólico moderno, na forma midiática do teatro.

23/10/2008 - NOITE

MESA REDONDA: Cinema: Bordas e Margens

Mediador: Dr. Silvio de Santana Junior (Unesp/Assis)

22 – A ESTÉTICA DO PARACINEMA

Dr^a. Maria Bernadette da Cunha Lyra (Universidade Anhembi-Morumbi)

A noção de paracinema está voltada para uma estética não convencional, quase sempre modelada em uma percepção que se faz sobre os conceitos de bordas, margens, periferia etc, e aplicada a uma certa produção fílmica de gênero. A questão da estética, aqui, se faz pertinente, pois para além das considerações sociológicas e culturais que podem ser aplicadas ao cinema, os estudos cinematográficos comportam toda uma vasta reflexão sobre a dimensão estética dos fenômenos que ocorrem no universo desse meio de comunicação. Nesse sentido, a aceitação massiva parece estar sempre se constituindo em motivo de desconfiança sobre a qualidade de um filme e provocando leituras bastante exigentes (quando não preconceituosas) sobre seus elementos expressivos. Quanto a estes últimos, as produções paracinemáticas por eles categorizadas apresentam características bem específicas que, em sua estrutura e organização, pendem para ausência de novidade ou de originalidade e, em grande parte, para a manutenção de elementos já por muitas vezes vistos e repetidos, garantindo a confiança e a fidelidade dos espectadores comuns. Por sua vez, os conteúdos que compõem as narrativas são agrupados em núcleos temáticos definidos em que se movem personagens que contrastam entre si ou que se juntam em afinidades e cumplicidades. O estilo dos filmes, no paracinema em geral, tende para o excesso ou a precariedade, estando muito próximo, também, da trivialização de códigos sonoros e imagéticos. Assim, nos domínios do paracinema, além das dinâmicas das formas expressivas e das experiências estéticas, são relevantes os fenômenos do mundo midiático e massivo do entretenimento, além do o prisma das chamadas pós-subculturas.

23 - Mau Gosto é Chique: Cinema de Massa e Públicos de Nicho na Internet
Dr. Erick Felinto de Oliveira – (UERJ)

A idéia da distinção cultural sofreu abalos poderosos com o surgimento de novas tecnologias de difusão e a multiplicação das formas de produção cultural. As facilidades trazidas pelas tecnologias digitais de comunicação não apenas colaboraram para o colapso dessas distinções tradicionais, como também permitiram o surgimento de "espaços virtuais" para o encontro de públicos interessados em produtos situados fora do espectro comumente denominado como "mainstream": fóruns, listas de discussão, blogs etc. O objetivo deste trabalho é investigar certos desdobramentos da ruptura de fronteiras entre o massivo e o erudito, através da análise das dinâmicas e processos de interação surgidos em ambientes virtuais dedicados à discussão sobre filmes de horror. Nosso objetivo central será demonstrar precisamente o caráter paradoxal dessas peculiares comunidades de gosto e interpretação, caracterizadas por uma forma de consumo situada nos dois extremos do espectro da classificação cultural: o cinema de arte e o cinema "trash" ou "de bordas".

24 – O Bandido da Luz Vermelha: Paródia do Discurso Jornalístico

Dr. Marcelo Magalhães Bulhões (FAAC – Unesp/Bauru)

Lançado há exatos 40 anos, “O Bandido da Luz Vermelha”, de Rogério Sganzerla, é um dos mais inventivos e arrojados filmes de toda a história do cinema brasileiro. Expressão máxima do chamado Cinema Marginal (tendência que ao mesmo tempo assimilou e se opôs às conquistas formais do Cinema Novo), “O Bandido da Luz Vermelha” é obra constituída sob o signo do estilhaço de linguagens. Sua constituição narrativa faz-se nos termos da citação e da paródia de gêneros, estilos e formatos diversos - com referências ao próprio cinema. Obra intertextual e metalingüística por excelência, o filme de Sganzerla realiza uma apropriação paródica do discurso jornalístico, sobretudo em seu formato de “sensacionalismo policial”, o qual constitui uma espécie de matriz narrativa fundamental. Ao fazer isso, Sganzerla parece realizar uma desconstrução crítica das estratégias ideológicas das mídias.

24/10/2008 - MANHÃ

MESA REDONDA: Monteiro Lobato – o editor revolucionário

Mediadora: Dr^a. Cláudia Valéria Penavel Binato (Unesp/Assis)

25 - Monteiro Lobato, um editor revolucionário

Dr^a. Rosângela Marçolla (Unimar)

No ano em que se registra o centenário de morte de Monteiro Lobato, torna-se oportuno contar um pouco do seu bandeirantismo no mundo das letras, como escritor, jornalista e editor, além de precursor da literatura infantil brasileira.

Um editor inusitado que arriscou o dinheiro conseguido pela venda de sua fazenda, herdada do avô, o visconde de Tremembé, no ramo da editoração, atividade ainda muito pouco desenvolvida no país. Iniciou, ao longo dos anos, três empresas: “Monteiro Lobato & Cia”, “Companhia Editora Nacional” e “Editora Brasiliense”, gravando seu nome na indústria editorial.

Nacionalista de grande convicção, o que se pode notar até pelos nomes de suas empresas. Sonhou com um país desenvolvido e rico, independente, produtor de petróleo e ferro. E de livros. Com eles, a independência do homem, através da cultura.

E assim Monteiro Lobato viveu a sua vida. Entre os livros. Escrevendo e editando, ficou famoso. Seus livros até hoje são lidos pelas crianças e pelos adultos. Seu trabalho como editor revolucionou a indústria editorial brasileira, colocando o livro nas mãos das pessoas, de uma maneira muito especial.

O papel de editor possibilitou a sua trajetória como escritor e, em sentido inverso, o papel de escritor deu à indústria editorial o impulso de que precisava. Em Lobato não se consegue separar o escritor do editor e nem tampouco engrandecer um em detrimento do outro. Os dois existem em Lobato. Lobato existe por causa dos dois.

26 - Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)

Dr^a. Cilza Carla Bignotto (FACAMP e UNICAMP)

Entre 1918 e 1925, Monteiro Lobato esteve à frente de editoras consideradas, hoje, revolucionárias na história do livro brasileiro. Mas, em que medida e de que maneira ele teria inovado as práticas editoriais de seu tempo? Documentos inéditos relativos às editoras permitem entender melhor como Lobato utilizou práticas editoriais já existentes naquele período, reformulando-as ou adaptando-as para cumprir as metas de suas empresas. Entre esses documentos, estão cartas enviadas e recebidas pelo editor, cujo conteúdo permite pensar que intelectuais tiveram papel fundamental na criação e na manutenção da rede nacional de distribuição de livros administrada por ele. Já informações oriundas de outros documentos, como contratos de edição, sugerem novas hipóteses a respeito do pagamento de direitos autorais pelas empresas lobatianas.

27 – A esquina do saber: Monteiro Lobato e o espaço cultural da Unesp

Dr. José Castilho Marques Neto (Fundação Editora Unesp)

Há precisos 84 anos, Monteiro Lobato instalava sua Editora e gráfica no Palacete São Paulo, na esquina da Praça da Sé com a Rua Benjamin Constant, no centro de São Paulo. Este mesmo Palacete é, desde 1976, propriedade da UNESP e, desde 1997, sede da Fundação Editora da UNESP (FEU).

Hoje, funcionando dentro da concepção de Livraria-Escola, integrada ao projeto Universidade do Livro que se destina a formar e reciclar profissionais do livro, deparamo-nos com um espaço cultural que mantém, à disposição de seus leitores, um vasto e rico acervo, servindo de apoio a alunos de variados cursos oferecidos.

Desse modo, o ambiente físico, que serviu de palco para a produção de um dos maiores editores e escritores brasileiros de todos os tempos, continua fomentando a criatividade, o trabalho e as pesquisas de todos aqueles que tiverem a oportunidade de usufruí-lo.

Nossas colocações na Mesa Redonda “Monteiro Lobato: o escritor revolucionário” terão como objetivo primeiro levar ao conhecimento de todos os participantes do *I EILA* e do *VI SiPo* as identidades de propósitos entre os objetivos do braço editorial da UNESP e o que Lobato defendeu durante toda sua vida e que sintetizou no seu famoso ditado: “*Um país se faz com homens e livros!*”. No andar térreo do prédio da Editora, em São Paulo, os brasileiros e visitantes do exterior encontrarão um lugar privilegiado e especialmente criado

para continuar estimulando o encontro harmonioso entre o “saber” e a “sabedoria”, que devem perpassar de forma ética, nos moldes da atuação pessoal e profissional de Monteiro Lobato, as ações do homem do nosso tempo.

24/10/2008 - NOITE

MESA REDONDA: Pragmática da Comunicação Humana

Mediador: Dr. Ênnio José Toniolo (Unesp/Assis)

28 - Pragmática literária e leitura

Dr^a. Cristina Mello (Universidade de Coimbra – Pt)

Com esta palestra sobre pragmática literária e leitura pretende-se divulgar os princípios teóricos e metodológicos da pragmática literária, articulando esta orientação dos estudos literários, subsidiária dos estudos linguísticos, com a didáctica da leitura literária, nos vários níveis da escolaridade (básica, secundária e superior). Ao mesmo tempo, pretende-se analisar situações de ensino da leitura nesta perspectiva a fim de clarificar as suas potencialidades formativas para uma prática da leitura mais esclarecida.

Para os que se interessam pelas abordagens pragmáticas no ensino da leitura (em diversos contextos disciplinares e sócio-profissionais) servirá de estímulo o facto de se observar há já algum tempo, em outras áreas de investigação e ensino, uma notória convergência quanto à centralidade do sujeito da aprendizagem (conforme os trabalhos de Yves Chevallard sobre os problemas de transposição didáctica).

Esta orientação prgmática/comunicacional e cognitivista que se preconiza, valorizando a leitura sob o signo da compreensão explícita, deve atender à necessidade de esboçar um conjunto de aspectos susceptíveis de serem manipulados pelo leitor relativamente às várias vertentes da textualidade.

Completa essa orientação cognitivista uma dimensão reflexiva, de acordo com a qual a condução da leitura requer a elaboração de um juízo crítico sobre os discursos; e que atenda, também, à necessidade de se ter presente a avaliação do que se diz e do modo como se diz.

Sendo certo que uma das vertentes do saber científico é a sua dimensão praxeológica, nesta palestra teremos em conta os processos semiológicos mais valorizados na prática pedagógica, assim orientando a discussão sobre exemplos práticos de compreensão textual. Para o efeito, recorreremos a subsídios teóricos de várias áreas. Da semiologia à retórica, da linguística à didáctica da literatura, é todo um manancial teórico que temos disponível para

repensarmos os rumos do ensino da leitura, incluindo a leitura literária, deste modo conferindo legitimidade a uma metodologia de base pragmática, que muitos docentes já levam à prática, mas sem que seja feita, nos diversos contextos, uma reflexão centrada nos seus processos, o que se nos afigura da maior importância teórica, metodológica e prática.

29 - A dinamicidade do processamento textual

Dr^a. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (Unesp/São José do Rio Preto – CNPq)

O trabalho, no âmbito da Linguística Textual de orientação sociocognitivo-interacional, assume a concepção de linguagem como interação social e o princípio de que os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística. Assim, os dados pragmáticos não são vistos como moldura dentro da qual se processa o intercâmbio comunicativo, ou como camada de enunciação que envolve os enunciados. Isto porque as condições enunciativas mostram-se no texto, por meio das escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa, fundadas nos diferentes sistemas cognitivos ativados por ocasião do processamento textual. Em decorrência, o texto é considerado não como produto estanque de uma interlocução verbal, mas como processo dinâmico sujeito a pressões de ordem interacional, que afloram na sua materialidade linguística. Por congregarem a atividade discursiva, o texto, tomado como objeto de estudos, comporta uma análise integrada de sua construção e dos fatores enunciativos que lhe dão existência, introjetados na sua própria constituição. Para a demonstração dessa modalidade de análise, serão apresentados excertos de textos falados, dos gêneros conversação e entrevista.

30 – Ato de Falar. Ato de Escutar. A interação em Bakhtin.

Dr. Valdemir Miotello (UFSCar)

Minha fala tem a intenção de compreender os jogos linguísticos que se dão na interação, a partir das contribuições de Bakhtin. As faces da palavra. O território comum. O estoque social de signos. A ideologia. O objeto humanizado. A realidade fundamental das linguagens. Eu e o Outro na ponte linguística. O falar. O escutar. A Identidade como Alteridade. O rigor nos estudos das linguagens. A inclusão. A exclusão. Importância do Grupo. Propostas de mudanças. Um mundo novo.